

Literatura Lançamento:

Histórias verídicas falam de perda, sofrimento e superação

Recomeços, livro organizado pela jornalista Lina de Albuquerque, reúne 26 depoimentos de gente famosa e de anônimos

Livia Deodato

Dorina de Gouvêa Nowill se acostumou com o abuso de diminutivos que grande parte das pessoas faz uso ao se dirigir a ela. E sempre achou tudo isso muito desagradável. Quando era presidente da União Mundial dos Cegos viajava constantemente e, num dos voos, uma comissária insistia em oferecer-lhe um "chazinho", um "cafezinho", uma "bolachinha". Qual foi a surpresa da moça quando a senhora que completará 90 anos no próximo dia 28 pediu um uísque - duplo.

Histórias verídicas de sofrimento, e de uma cética superação a princípio, foram reunidas

no livro *Recomeços*, cujo lançamento ocorre hoje na Livraria Saraiva do Shopping Pátio Higienópolis, organizado por Lina de Albuquerque. A jornalista, que perdeu pai, mãe, seu único irmão e um amigo da família em um acidente de carro em 1996, afirma na apresentação do livro que o pouco que lhe restou foram certezas na vida, entre elas a de que jamais encontraria explicação para a tragédia. Por isso, a amargura não encontrou espaço dentro do seu peito: o trabalho foi uma ferramenta imprescindível para a superação do trauma, segundo a jornalista que teve passagens por alguns jornais, entre eles o *Estado*, e foi convidada a ser editora de

reportagem da *Marie Claire* quatro meses depois da tragédia.

Há um ano e meio, quando o editor Luís Colombini a chamou para um almoço, a fim de conversar a respeito da compilação, Lina já foi disposta a recusar o convite. Tudo aquilo soava superficial e autoajuda demais, gênero do qual sempre procurou manter distância. "Mas o Luís estava tão animado com o projeto e me fez um convite tão sincero, que acabei quebrando esse preconceito. Um amigo meu, que já leu o livro, me acalmou dizendo que *Recomeços* não é de autoajuda, mas sim de alto ajuda, com L mesmo", diverte-se.

Vinte e seis personagens famosos e anônimos concederam



LINA - Distante da autoajuda

entrevistas a Lina, que transcreveu em primeira pessoa cada depoimento. A exceção de outro jornalista, José Hamilton Ribeiro, que se prontificou a escrever sobre a perda de sua perna esquerda na cobertura da Guerra do Vietnã. Alguns nomes cogitados, como por exemplo, Danuza Leão e Washington Olivetto, se recusaram a participar, respectivamente, por acreditar ter esgotado o assunto da morte do filho e não se sentir à vontade para voltar a falar sobre seu sequestro de 53 dias. "Entendo e respeito a opção pelo silêncio. Cada um sabe a dor que tem", diz Lina.

A jornalista não se tornou mais ou menos religiosa após

sua tragédia familiar, ainda que acredite em Deus. Não procurou resvalar sobre o tema, mas por coincidência estão no livro Mãe Carmen, filha da Mãe Menininha do Gantois, herdeira do terreiro de candomblé mais famoso da Bahia, Lama Michel, presidente dos conselhos da Fundação Lama Gangchen, e Maria Rita Pontes, sobrinha e sucessora de Irmã Dulce. ●

Serviço

● **Recomeços**. De Lina de Albuquerque. Editoras Saraiva e Versar. 160 págs. R\$ 29. **Livraria Saraiva - Shopping Higienópolis**. Avenida Higienópolis, 618, loja 315, telefone 3662-3060. Hoje, às 19h30

Visuais Política Cultural:

"Ninguém quer presidir a Bienal? Como? Eu quero!"

O artista francês Fred Forest, de 75 anos, propõe edição feita pela internet e começa sua campanha por meio de site

Camila Molina

"Não são políticos, cientistas, ou os financistas das Bolsas de Valores que vão resolver os problemas da Bienal de São Paulo. Ela precisa de sentido e são os artistas que portam os sentidos." Enquanto ninguém aceita se candidatar à presidência da Fundação Bienal de São Paulo - o tempo passa e fica o jogo do empurra-empurra -, um artista de outro país, o franco-argelino Fred Forest, de 75 anos, lança agora sua candidatura ao posto. "Não preciso de dinheiro porque faço a próxima edição pela internet", diz Forest, que criou um site, Campanha para uma Nova Bienal, para alimentar o debate e fazer sua proposta reverberar: www.fredforest.org/paramanovabienal. Já faz tempo que o artista está empenhado na situação da instituição: em 1973, participou da 12ª edição com o projeto Bienal 2.000 e mais recentemente, desde 2006, vem desenvolvendo a Bienal 3.000 (www.biennale3000saopaulo.org).

"Estarei acompanhado por uma equipe de artistas, especialistas da comunicação, críticos de arte, teóricos das ciências humanas e da filosofia, engenheiros em informática e especialistas em marketing. A idade média das pessoas que integram nossa equipe será de 25 anos", escreve o artista, no site. Até agora, a Bienal já convidou oito pessoas a encarar o desafio de presidir a instituição - e desde o ano passado, todo mundo vem dizendo não. A fundação esperaria até amanhã a resposta do consultor e empresário Heitor Martins, de 41 anos, se ele aceita ou não se candidatar para que, enfim, seja marcada uma reunião-geral do conselho da instituição para a eleição do novo presidente. Enquanto isso, Forest já lança sua candidatura, como um happening, uma provocação, para chacoalhar a situação. "Na literatura há artistas que questionam as coisas, mas nas artes plásticas, não. Os artistas é que devem ser donos do próprio destino, sem política, sem funcionários e sem dinheiro. Talvez seja ingênuo dizer isso, mas se todos pensarem assim poderemos mudar a sociedade no nível das ideias e das propostas", continua o candidato, doutor em literatura pela Universidade Sorbonne.

Forest começou sua carreira artística como pintor, mas foi com a videoarte, na década de 1960, que deu início a uma pesquisa mais crítica e experimental, de criações de obras interativas e misturando mídias diferentes. Centrou suas ações



FRED FOREST - "São os artistas que dão sentido à Bienal", afirma

no tema da comunicação e estética - e na conversa com o *Estado*, se apresentou dizendo que Marshall McLuhan, o autor da teoria da comunicação de massas ("O Meio é a Mensagem"), já escreveu sobre seu trabalho. "Hoje não é a pintura que vai propor questões, mas a internet", continua Forest, que veio a São Paulo, Porto Alegre e Brasília por conta de sua participação no Ano da França no Brasil.

FOI INTERROGADO NO DOPS EM 1973 POR CAUSA DE HAPPENING NO CENTRO DE SP

Ele inaugurou no Museu de Arte Contemporânea da USP no Ibirapuera a mostra *O Centro Experimental do Território e Laboratório Social*, baseado no *Second Life*, além de também abrir instalações cibernéticas na Universidade do Rio Grande do Sul e na de Brasília.

Mas, como afirma, o comitê do Ano da França não queria que ele viesse. "Foi o comitê brasileiro que se tornou responsável pela minha vinda, pessoas como Daniela Bousso e Felipe Chaimovich", conta. "O comitê francês disse que eu já tinha feito coisas suficientes no Brasil", continua. Entre as "coisas suficientes", ele conta sobre sua participação na 12ª Bienal de São Paulo, episódio que até o levou a ser interrogado no Dops (Departamento de Ordem Polí-

tica e Social), que funcionava no prédio onde hoje é a Estação Pinacoteca - era o regime ditatorial no Brasil.

Naquela Bienal, Forest participou de uma seção especial formada por artistas que trabalhavam com a comunicação. Como não havia computador, publicou anúncios em jornais com dois números de telefone. "Quando as pessoas ligavam, uma voz dizia que elas tinham um minuto para se expressar livremente." Depois, ele promoveu um happening: dez pessoas foram à Praça da República com cartazes em branco, até que o local foi enchido de gente e a polícia apareceu para bloquear tudo. "Alguém escreveu MIR (*Movimento de Esquerda Revolucionária, em espanhol*) num dos cartazes e me levaram para o Dops. A polícia tentou me intimidar, mas, ingênuo, fingi que não entendia nada. Não sou um herói porque sou estrangeiro, mas tinha a imprensa para me ajudar", diz Forest. A princípio ele não sabia que seu happening (a documentação sobre ele pode ser vista no site webnetmuseum.com) iria tomar aquela proporção. "Era algo para tocar no senso nobre da política, o das ações simbólicas." ●

